

Travessia Ponta Delgada/Funchal em Mota de Água

3 e 4 de agosto de 2018

por Frederico Rezende*

1. “NUNCA MAIS”!

Já sei porque é que não se deve dizer “nunca mais”. É para não termos de fazer uma coisa que jurámos a pés juntos não fazer. Foi o que me aconteceu.

A última Travessia que fiz foi de Lisboa até ao Funchal, entre os dias 11 e 13 de setembro de 2013 e durou 48h55m. Foi considerado como um recorde do Livro do Guinness, recorde esse que orgulhosamente detemos e cujo original se encontra no Clube Sport Marítimo da Madeira e um duplicado no Museu de Marinha em Lisboa onde está a mota, fato e restantes apetrechos para virem a ser exibidos no Pavilhão das Galeotas.

Durante o trânsito, jurei a mim mesmo que se conseguisse alcançar o Funchal nessa Travessia NUNCA mais andava de mota de água. Promessa feita, promessa cumprida. Até que, passados 5 anos – promessa quebrada! O *bichinho* foi mais forte e venceu-me!

Decidi fazer esta travessia, como atleta do Clube Sport Marítimo, como é habitual, no âmbito das comemorações dos 600 anos da Descoberta da Madeira, com o intuito de chamar a atenção para o *cluster* do Mar e para a aproximação dos povos das nossas Regiões Autónomas.

Para além do Alto Patrocínio de Sua Excelência o Presidente do Governo Regional da Madeira, tive também os seguintes apoios:

- Sanas Madeira
- Neptune Pirate/Yamaha,
- Empresa de Navegação Madeirense
- Engº Luis Rodrigues, armador da Lancha FINUS
- Cepsa, mais uma vez presente.
- O carinho do Núcleo Regional da Liga Portuguesa Contra o Cancro e da Associação de Paralisia Cerebral da Madeira.
- O habitual incansável apoio da nossa *Briosa*, nomeadamente o Almirante CEMA, o IH com as suas previsões, o Comando Naval e os seus meios, MRCC’s, Capitánias e Polícia Marítima.
- Bem como o apoio do Almirante António Silva Ribeiro, CEMGFA.

Assim, decidi fazer a Travessia. E fiz!

2. DECISÃO

A decisão foi tomada aquando da comemoração do Dia do Exército, aqui no Funchal, no ano de 2016. Estava eu a assistir à cerimónia quando, repentinamente, tomei esta decisão. Mais tarde num momento de

introspeção, solitário, numa Igreja, tornei em definitiva a minha pretensão.

A Travessia era para ter sido tentada em 2017. Foi assim que foi planeada. No entanto e já me conhecendo, senti na altura que não estava suficientemente comprometido em fazer a prova naquele ano. Decidi então adiar para 2018.

3. INÍCIO DA OPERAÇÃO LOGÍSTICA

Nestas ocasiões, a logística é sempre o mais difícil! Como disse um membro de uma destas tripulações, há uns anos ... *fazer a Travessia é quase nada comparado com o esforço necessário para montar a prova*. Não deixa de ser verdade, principalmente para quem não vem uns dias seguidos aos pulos no mar em cima da mota e está calmamente sentado algures.

O primeiro passo é sempre a autorização da DGRM. O segundo passo, o apoio e autorização da nossa Marinha O terceiro passo, o apoio institucional do Governo Regional da Madeira. O quarto passo, obter uma mota pois a que tinha anteriormente está no Museu de Marinha. A mota foi gentilmente cedida pelo Sanas Madeira. O quinto passo: A dita logística.



O Engenheiro Frederico Rezende, tripulando a sua mota de água YAMAHA, à partida de Ponta Delgada.

E depois, tudo o resto:

A revisão integral da mota em Lisboa no Importador (Yamaha); o apoio dos representantes da Yamaha nas Ilhas, quer na Madeira quer nos Açores; a preparação da mota através da montagem de 4 depósitos suplementares de gasolina com a respetiva ligação e montagem de bombagem para o depósito principal, GPS com *chart plotter*, bússola iluminada, farol de proa, farol de mastro à popa, pau de bandeira onde estavam hasteadas a Bandeira Nacional e a dos Açores à saída de São Miguel, relógio digital iluminado e o mais importante, os locais de reabastecimento. Desta vez também usámos um dispositivo - OC *Tracker* - que permitiu acompanhar o circuito completo da mota de água em tempo real. Posteriormente, informaram-me que esse *site* funcionou muitíssimo bem. Tinha a posição, o rumo, e a velocidade. Também, por precaução, para facilitar a localização, era portador de uma EPIRB.

E a fantástica equipa de apoio que me tem acompanhado ao longo dos anos. Quer em Terra quer no Mar. Obrigado Sanas Madeira!

Com a Operação Logística montada, falava ir a Ponta Delgada.

4. "FECHAR O CIRCUITO"

Com a operação logística encaminhada faltava ainda reunir com as Entidades. O Capitão do Porto do Funchal, Cte. Paulo Silva Ribeiro, meu conhecido há algum tempo, foi a primeira entidade com quem contactei. Seguidamente, o Almirante CEMA, na altura o Almirante António Silva Ribeiro, que me deu total apoio. Também a DGAM, o COMNAV, o MRCC Lisboa, e o IH.

Finalmente, reuni com as Autoridades de Ponta Delgada. Não só me reuni com o Governo Regional dos Açores, mas também com a Zona Marítima, Comodoro Antunes Rodrigues, Capitania do Porto de Ponta Delgada, Cte. Cruz Martins, relativamente a

quem não posso deixar de realçar o profissionalismo e a cordialidade, e com o MRCC Açores.

Aquando da visita aos Açores foi feita a apresentação pública da prova à comunicação social.

Agora já não havia volta para trás. Foi com este sentimento que vim, depois de ter estado nos Açores.

5. "INICIO"

Dei por mim a pensar, inúmeras vezes, à noite:

- Quem me mandou a mim meter nisto? Estava tão sossegado, que necessidade tinha eu de me meter numa coisa destas?

- Será que consigo estar outra vez tantas horas sem dormir? Será que o corpo, já com 55 anos, vai aguentar?

Tinha de começar a tratar destes assuntos. Mãos à obra!!!

Ao fim de quase cinco anos voltei a andar de mota de água. Foi uma experiência estranha... Foi num sábado e gravei a experiência para memória futura. Fui da Estação Salva Vidas do Sanas, no Aeroporto, até à Marina da Calheta e voltei. É como andar de bicicleta. Nunca se esquece. Depois disso só andei mais duas vezes na mota antes da Travessia. Uma navegação noturna até às Ilhas Desertas e volta a Santa Cruz para aferir o funcionamento de todos os órgãos durante a noite e outra ida e volta ao Porto Santo, para aferir o consumo. A mota não era aquela em que tinha feito as outras Travessias, apesar de ser um modelo igual. Por isso queria ter a certeza do consumo de gasolina para que não houvesse falta de combustível, como já me aconteceu uma vez quando fiz uma Travessia de África até à Madeira e faltou o combustível a 100 mi do Funchal. Não é agradável, afianço-vos. Também deu para fazer muitas correções, uma vez que a bombagem de gasolina não era eficiente, precisava de um ponto de luz à noite para verificar os depósitos e para

aferir do estado da trasfega do combustível e precisava também de óculos para navegar à noite com mau tempo devido ao respingar de água salgada para os olhos, etc. A fixação da *chart plotter* partiu-se. Enfim, pormenores que foram corrigidos.

Ou seja, treinei na mota apenas três vezes antes da Travessia dos Açores. Perguntavam-me amiúde ... *tens treinado na mota?* Por fim deixei de responder para não ter de estar sempre a explicar que a preparação física em terra era suficiente e estava também desta maneira a poupar a mota. Chama-se a isto experiência.

Para me preparar fisicamente, intensifiquei a corrida, o treino de ginásio com exercícios específicos para as costas, lombar, pernas e braços e voltei às aulas de Pilates com o meu *mental coach* e grande Amigo que me acompanha há vários anos e que também me ajuda na preparação psicológica, o Mestre Ricardo Aguiar. A parte nutricional foi preparada com rigor e com a antecedência necessária pelo Dr. Luis Ricardo Oliveira.

6. "PRONTO !!!"

A partir de um determinado momento, que me recordo que foi no ginásio, numa 6ª feira à noite, senti-me pronto! O corpo estava pronto e a mente estava pronta. Entretanto a mota e o resto da palamenta foram enviados para Ponta Delgada. Estava tudo pronto. Faltava a meteorologia.

7. "A ESPERA"

Tudo estava pronto. Eu estava pronto, a mota já estava em Ponta Delgada, a equipa de apoio que se encontrava no Funchal estava pronta para sair em qualquer altura, ficando apenas em falta a previsão de dois dias de "mar de azeite".

A previsão inicial era a saída no dia 10 de Junho, pelo que essa data simboliza para



O FUTURO DOS SEUS SEGUROS É NA SABSEG

E EM TODOS OS MOMENTOS DA SUA VIDA


Automóvel


Saúde


Multiriscos


Vida



WEBSITE

@SABSEGSEGUROS

Corretor de seguros inscrito no registo do ASF sob o nº 607122741/3. Ramos Vida e Não Vida, verificável em www.asf.com.pt. A SABSEG não assume a cobertura de riscos.

todos nós. Aliás, das várias Travessias que fiz, esta foi a sétima, se não me engano, todas elas tiveram como previsão de saída o dia 10 de Junho ... e até hoje nunca consegui sair naquela data.

Durante todo o mês de junho não apareceram dois dias de mar estanhado. Era essa a minha intenção pois entendia que não valia a pena estar a correr o risco e de não ter sucesso devido às condições de mar. O mês de julho continuou igual. As previsões para agosto, devido ao Anticiclone dos Açores também não auguravam grande coisa. Assim, a decisão de nos deslocarmos para os Açores foi tomada nos últimos dias de julho, no dia 31. Apesar das previsões não serem boas, seriam aceitáveis e programámos a saída da nossa aventura para o dia 3 de agosto.

8. “ÚLTIMOS PREPARATIVOS”

No próprio dia 31 de julho, o meu corpo esteve na fisioterapia várias horas para esticar, massajar, e colocar fitas adesivas para as dores, etc.

Uma dificuldade com que não estávamos a contar é que não era possível arranjar voos do Funchal para Ponta Delgada. Nem voos diretos, nem via Lisboa nem via Porto. Nada! Nem SATA, nem TAP, nem Transavia. Nada!!! Estava tudo cheio. O desespero apoderou-se de nós. Telefonemas para a TAP, para a SATA. Pedidos de ajuda ao Governo Regional, à Assembleia Regional, etc.

Até que, por uma série de coincidências, quando de um destes telefonemas, em Lisboa, no meio da rua, à porta de um representante de uma marca de motos, um piloto da SATA que se identificou mais tarde e que presenciou esta aflição nos ajudou a resolver o assunto de uma forma que só ele sabe. Obrigado Luis Santos e obrigado SATA Internacional! Nunca me passou pela cabeça este pormenor que iria pôr em causa toda a operação. Por outro lado, fico contente, pois, é sinal de que os nossos irmãos Açoreanos estão com o Turismo em alta.

Dois membros da equipa chegaram na 4ª feira, 1 de agosto, a Ponta Delgada e eu e o outro membro da Equipa chegámos no dia 2, de manhã cedo. Não era nada disto que eu tinha querido fazer pois estava a contar chegar aos Açores com antecedência, estar lá descontraidamente. Enfim, cheguei na véspera.

Os meus colegas da firma Tecnovia Açores estavam à minha espera e deram-me boleia até à Marina nova de Ponta Delgada. Tinha definido que iria de imediato arrumar as minhas coisas na mota. Não o pude fa-



zer. A mota estava no concessionário da Yamaha e só à hora de almoço é que cheguei à marina. Entrete-me nessa manhã a arrumar os pacotes dos produtos que teria de ingerir. O menu estava feito pelo Dr Luis Ricardo Oliveira:

Pack 1, composto por vários componentes, o *pack 2*, por outros componentes e assim sucessivamente. Teria de os ingerir de 4 em 4 horas. Cumpridos os primeiros *pack's*, mas quanto aos últimos a dieta já foi meio aldrabada ... só comi o que mais gostava que eram as papas Cerelac com frutas e bolacha ... muito bom! E umas barras energéticas com sabor a banana da Madeira. A bebida foi apenas água, bastante. Mas era um equilíbrio constante entre não desidratar e não ter de parar muitas vezes para fazer xixi. A título de curiosidade, perdi 3 kgs em 38h20m. Mas “encontrei” um ou dois desses kgs ao fim de uma semana.

Desde que decidi fazer a travessia só ingeria massa, arroz e batatas, tudo com muitos molhos e pão. Assim, a seguir a um almoço cheio de hidratos de carbono, fui arrumar todas as minhas coisas na mota. Comidas, bebidas e roupa. Tinha 5 conjuntos de roupa, de acordo com as várias possibilidades de temperatura. Tinha roupa para menos frio, mais frio, mais calor, menos calor, para de dia e para a noite.

Coloquei os equipamentos de segurança na mota e o meu amigo Duarte Alves programou o ponto de destino no GPS. Colocou um ponto ao largo da Calheta na Ilha da Madeira. O ponto marcado era muito distante!!!

Mota pronta. Equipa de apoio pronta. Autorização de saída do Capitão do Porto. Tudo OK!

A equipa ficou a bordo da Lancha FINUS. Custou-me um pouco, mas pedi desculpa aos meus companheiros pois não iria ficar com eles nessa noite a bordo da lancha,

pois entendia que precisava de uma noite de completo descanso. Já sei como são estas coisas e na lancha, junto com eles, não iria descansar em condições.

A seguir ao almoço fui dormir a sesta durante 3 horas. Apesar de ter comido muito ao almoço (parecia um odre), consegui dormir quase 3 horas. Às 18h00 o Francisco Morais foi-me buscar ao hotel.

Quis confessar-me e pedir apoio a Deus. Fomos falar com o Padre Hélder Cosme, da Freguesia de São Roque. Fez-me bem. Vim aliviado e trouxe comigo ao longo da Travessia as palavras que o Padre me disse. Entre outras coisas perguntou-me de quantos lugares era a mota. Ao que lhe respondi que era de 3 lugares, mas que só sobrava um pois os outros estavam ocupados pelos depósitos de gasolina suplementares. Resposta curiosa ... *não faz diferença, leve Deus no coração*. Em tempos, o Sr. Bispo do Funchal, Dom António Carrilho, ofereceu-me um terço benzido pelo Papa João Paulo II, que levei junto ao corpo por debaixo da camisola térmica. Mais tarde, de uma forma muito simpática, como habitualmente, perguntou-me se eu ... *tinha trazido comigo a Companhia do costume*? Pude constatar no final da Travessia que o terço se tinha partido o que me fez vir as lágrimas aos olhos. Por milagre os bocados estavam presos na camisola térmica. O terço já está reparado e guardado no seu lugar.

De seguida fui para o hotel pois queria jantar e dormir a maior quantidade de horas possível. Já não iria voltar a ver a mota e a minha Equipa até às 08h00 da manhã seguinte, a hora combinada para a partida.

Tomei banho, para me ajudar a relaxar, e de seguida fui jantar. Lasanha com camarão. Um prato enorme. E claro, não apenas um, mas dois copos de vinho. Fiz também uma coisa que já tinha feito quando da Travessia de Lisboa, que foi tomar um comprimido para dormir. Não me lembrava quanto tempo demoraria o comprimido a fazer efeito, mas estimei que fosse à volta de 30 min. Pelo sim, pelo não, tomei-o apenas quando já estava a comer uma salada de frutas de sobremesa.

Enquanto comia a sobremesa, enviei uns últimos *mails* e mensagens para a minha mulher e para as minhas filhas. Apenas falei com a minha mulher ao telefone por breves segundos pois não queria falar com ninguém. Não me apetecia. Faltava apenas um último *e-mail* para o Paulo Vieira Lopes do Diário de Notícias da Madeira ...

De repente olho para cima, de uma forma estonteada, e vejo à minha volta uma equipa local da EMIR e o pessoal de serviço na sala de refeições. Já me estavam a picar para recolher uma amostra de sangue, medir a pulsação, etc. Que vergonha! O

comprimido para dormir fez efeito em cinco minutos. E ainda levei uma descompostura da equipa da EMIR ... *tomar comprimidos para dormir e beber vinho. Devia ter vergonha! Vá para o quarto!* Fui para o quarto e adormeci logo de seguida. No entanto, às 5h30 já estava acordado! Para a próxima, tomo comprimido e meio.

Às 7h30 lá estava o meu Amigo e colega Jorge Taborda para me levar para a Marina. Uma manhã meio nublada. Mau presságio. Não gosto de andar no mar assim. E muito menos à noite.

Já lá estava bastante gente à espera. Mais algumas entrevistas e depois fui-me equipar. O estado de nervos era tal que me vesti e despi três vezes, pois faltava sempre alguma coisa que deveria ter vestido antes.

Tudo ok, e para cima da mota. Mota a trabalhar, dentro de água e completamente atestada.

Dentro de água, estava também uma lancha da Capitania com o Capitão do Porto, uma lancha onde estava o pessoal da Polícia Marítima e também um navio da Marinha posicionado à saída do Porto. A todos muito agradeço. Despedi-me de todos um a um. Por fim, despedi-me de quem estava em terra, sempre com o cuidado de demonstrar o meu respeito, agradecimento e consideração, descobrindo-me.

Na saída do Porto fomos acompanhados por várias embarcações e também por algumas motas de água. Uma das motas era comandada por uma Senhora de quem me aproximei para agradecer e despedir, mas ela só se apercebeu da minha presença tarde de mais e apanhou um grande susto.

A última pessoa que falou comigo foi o Emanuel, o Concessionário da Yamaha nos Açores. A agitação de ondas era grande no Porto. Já começávamos a andar para cima e para baixo. O Emanuel disse-me com o sotaque dos nossos irmãos Açoreanos ... *isto não vai ser fácil!* Foram as últimas palavras dos Açores. Disse-lhe adeus, sem me voltar para trás.

9. "A VIAGEM"

As palavras do Emanuel não me saíram da cabeça. Ao fim de 5 min em cima da mota e ainda dentro do Porto já me sentia cansado. Como seria possível sequer pensar em chegar à Madeira? Estava tramado. E depois da quantidade de gente que chatee para conseguir partir ...

Assim que pusemos o nariz de fora da Ilha de São Miguel começámos a apanhar "forte e feio". Estava previsto ter vento e mar de través durante várias horas, mas depois o tempo viraria e passaria a ser pela alheta de bombordo o que nos iria ajudar. Mas não foi! Foi pela amura de bombordo. Um horror. Foi o dia todo e metade da primeira noite. Foi mesmo muito violento (não sei como o esqueleto aguentou; ainda para mais, a minha mulher diz que eu tenho "perninhas de alicate"). Só a meio da noite é que sossegou.

Entretanto, arranjei mil e uma desculpas para mim mesmo, para desistir. Desejei que o motor da mota se partisse. Que se acabasse a gasolina. Que eu partisse qualquer coisa para ter justificação, para mim e para toda a gente, para desistir. Como já me conheço, comecei a pensar nas palavras do Janica (meu *coach*) e a gastar apenas e tão-somente a energia que era necessária despende. E nada mais. Comecei a falar comigo mesmo e a questionar-me, o que me levava a querer desistir? O que é que me dóia? Nada. Então, porquê desistir? Tinha sono? Não. Então para a frente é que é caminho. A vergonha que teria sido desistir. Como enfrentaria, principalmente, as minhas filhas? Consegui não desistir.

Menos agitado na segunda metade da noite. Calmaria no início da manhã seguinte. O sono estava a começar a matar-me. Não me conseguia aguentar fosse de que maneira fosse. Tentei combatê-lo de todas as formas e feitos. Até que fiz uma técnica que tinha aprendido em tempos e que resultou em absoluto. Foi descansar com a cabeça em cima da mota durante dois,

três ou quatro segundos de cada vez e fiz isto quase 100 vezes. Resultou. Passou-me o sono. Entretanto nasceu o dia e o meu relógio biológico mandou o sono dar uma volta. Nunca mais tive sono até chegar a casa. E mesmo assim quando já estava em casa, na noite seguinte, não adormeci de imediato.

Durante o segundo dia avistei ao longe um navio. Mais perto vi que era um navio de guerra. Até que me apercebi que era a corveta JOÃO ROBY. As lágrimas vieram-me aos olhos naquela altura. Assim que pude dirigi-me à mesma para a cumprimentar. Obrigado, *Briosa!* Deus no Céu e a Briosa no Mar ...

10. "ETAPAS"

As Travessias são feitas por etapas. As primeiras 100 mi. As segundas 100 mi. Metade do trânsito. A partir daqui começa-se a "descer". Até atingirmos a marca mais importante que é quando faltam apenas 100 mi. Já cheira a casa.

Desta vez ao chegar a 70/80 mi da Ponta do Pargo, e conforme as previsões, começámos outra vez a apanhar mar no nariz. E grosso. Foi outro Inferno até conseguirmos ficar abrigados pela Ilha da Madeira.

Mas aqui o sentimento atrás descrito já era muito diferente. *Deus queira que eu aguente. Deus queira que a mota não se avarie. Deus queira que não se acabe a gasolina. Deus queira isto e mais aquilo, desde que eu chegue ao Funchal.*

Nessa altura de mar muito rijo e já a chegar muito perto da Ponta do Pargo a reserva de gasolina da mota começou a apitar desesperadamente. Pedi a Deus por tudo que a mota andasse só mais umas milhas porque naquele local e da forma como o mar estava era de todo impossível reabastecer. Deus ouviu-me. Aguentou a reserva. Apenas pus 30 litros de gasolina por descargo de consciência, já quase a chegar ao Funchal.

CONSUMA
PESCADO
DOS AÇORES

UMA MARÉ
QUE NOS TRAZ
O MELHOR
DOS AÇORES



*Atum Fumado em Chô dos Açores
com Sementes de Sésamo e Chutney
de Figo Secas com Ananás





Homenagem pública no Estádio dos Barreiros, no Funchal.

Uma das razões para fazer este último reabastecimento era que a mota quando chegasse ao Funchal ainda iria ter de ir por mar para Santa Cruz onde iria ser guardada. A outra razão era porque depois daquilo tudo por que passei não seria agradável entrar no Funchal a reboque.

Ainda relativamente aos reabastecimentos, tive necessidade de fazer dois durante o trânsito. O primeiro em condições de mar muito difícil no primeiro dia o que me provocou uma queda da mota, sem nunca a largar apesar de tudo. O outro reabastecimento foi no segundo dia, durante o dia.

11. "A MARINHA À CHEGADA"

A trinta mi a Noroeste da Ponta do Pargo estava uma lancha da Capitania do Porto do Funchal, também a famosa SR 40 do ISN e um "patrulhão" cujo Comandante é uma Oficial, Cátia Pacheco, que eu não conheço, mas que aproveito aqui para agradecer. Tiveram a amabilidade de me acompanhar até ao Funchal. Mais uma cortesia do Capitão do Porto do Funchal.

E ainda bem que nos acompanharam pois se não fosse uma destas lanchas, em frente à Ribeira Brava, eu teria embatido nas jaulas dos viveiros de peixe porque, por incrível que pareça, não estão iluminadas à noite.

12. "RECEÇÃO FAMILIAR"

Aquando do abastecimento dos últimos 30 litros de gasolina de "descargo de consciência" e a meia dúzia de mi do Funchal, estava eu já bastante cansado, ouvi um asboto por detrás de mim. Disse-me o Ricardo Rodrigues ... *estão a chamá-lo!*

E eu pensei ... *quero cá saber disso para alguma coisa! Mete a gasolina e despachate.* Disse ele novamente ... *acho que é melhor olhar.* Ao que eu respondi ... *gaita mais isto. Já meteste a gasolina?* E ele ... *olhe quem está atrás de si!!!*

Muito renitente, lá olhei. A Mariana, a Maria, a Margarida e o Martim. A minha Família tinha-me vindo esperar, a bordo dum Tornado do Sanas, onde também estava o Comandante Operacional da Madeira e o Óscar. Que alegria!!! Já não pensei em mais nada.

Depois foi acelerar até chegar ao Funchal. Esperei antes de entrar no Porto porque não o quis fazer antes de os meus companheiros entrarem.

13. "CHEGADA AO FUNCHAL"

23h20 de Sábado, dia 4 de agosto. 38h06m de trânsito. Lembro-me de pensar comigo mesmo. Vim mesmo dos Açores até à Madeira, de mota de água? Não sei porquê, mas ainda hoje penso nisso com alguma regularidade.

Cais da Cidade cheio e bastante gente também na Marina Nova. Uma alegria enorme. A primeira pessoa que cumprimentei foi o Amigo Luís Rodrigues. A seguir, novamente a Família e o Governo Regional representado pela Secretária Regional Eng^a Paula Cabaço e Gonçalo Santos. O Presidente do Marítimo, em Skype, pois estava no estrangeiro, o Comandante da GNR, o Capitão do Porto Cte. Paulo Silva Ribeiro e demais autoridades.

Tive o cuidado de depois cumprimentar os Amigos e as pessoas mais próximas. De seguida foram as entrevistas para a Comunicação Social e cumprimentar o máximo possível de pessoas que estavam ali à mi-

nha espera. Pessoas que eu nunca tinha visto e a quem muito agradeço a presença.

14. "A ARMADILHA"

Como já estava a contar, de certeza orquestrado pela minha mulher, lá estava a ambulanciazinha à espera para me levar ao Hospital. *Apenas por precaução*, desta vez eu já não caí na esparrela. Quando vim de Lisboa lá me enganaram e levaram-me para o Hospital ... *apenas por precaução*. Estive lá uma data de horas contrariado e a certa altura ... *deu-me um vaípe e pirei-me dali para fora*.

Desta vez recusei-me terminantemente a ir para o Hospital e fui para casa comer e tomar banho. Apesar de ter entrado na ambulância para medir todos os sinais necessários nestas ocasiões. Estavam todos ótimos. *Siga Freitas, vamos para casa!*

No dia seguinte quis ir andar de barco, mas a Mariana não me deixou. Fiquei um bocadinho amuado. Só me deixou ir ao Clube Naval passar o dia. E andaram a tirar fotografias minhas a dormir a sesta no chão, que colocaram no Facebook. Maus amigos!

15. "A EQUIPA"

Agradeço ao Ruben Fernandes, da Yamaha, que despoletou o apoio logístico com a Yamaha e seu acompanhamento, quer da mota quer de alguma parte operacional de toda esta epopeia. Ao Ricardo Rodrigues e Duarte Alves da Equipe fantástica do Sanas, não sei como agradecer. Incansáveis. E com muita paciência para me aturar. À Cepsa que patrocinou o combustível. E ao Eng^o Luís Rodrigues da FINUS.

16. "A FAMÍLIA"

Que lá me vai aturando. Nem sei como. Deve ser horrível estar em terra e não saber o que se passa no mar. Cá eu, sei onde estou.

17. "O CLUBE"

O Maior das Ilhas. O meu Clube. Clube Sport Marítimo.

18. "NUNCA MAIS"

Já tenho outra prova em mente e já comecei na semana seguinte a ter chegado ao Funchal a preparar os treinos para a próxima aventura.

* frederico.rezende.m@gmail.com